



Compras da China sustentam preços da celulose

Após quedas significativas em julho e em agosto, a celulose parou de cair. Neste mês, os preços começam a se estabilizar porque a China voltou às compras.

Principal responsável pelo recuo, os chineses ficaram com estoques reduzidos nos últimos meses e, ao voltarem ao mercado, estão dando sustentação aos preços.

A avaliação é de Carlos Bacha, professor da Esalq/USP (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, ligada à USP) e do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada). Segundo ele, a principal queda ocorreu nos preços da fibra curta, que recuou US\$ 50 no período. Já a fibra longa teve queda menor, de US\$ 30 por tonelada.

A tonelada da celulose do tipo fibra curta está sendo negociada a US\$ 870, em média, na Europa. A fibra longa está em US\$ 973.

No mercado interno, os reflexos da queda externa só chegaram a partir do início deste mês. A celulose parou de cair porque os países europeus também voltaram às compras. Além da recomposição de estoques, a demanda cresce devido ao retorno às aulas, diz Bacha.

Apesar da queda de preços, a celulose remunera bem, principalmente o produtor brasileiro, que tem menor custo de produção. Com isso, "o que chama a atenção são os investimentos".

Mas as indústrias estão desacelerando os investimentos em regiões como São Paulo e buscando áreas com terras de menor valor, como Mato Grosso, Maranhão, Pará, Tocantins e Bahia.

Esses novos investimentos -inclusive os do Sul do país- estão sendo feitos, no entanto, sempre próximos a áreas com boa logística de transporte, para tornar o produto brasileiro ainda mais competitivo. Na avaliação de Bacha, são investimentos sem risco porque "a demanda lá fora está aquecida e o Brasil é bastante competitivo".

A frase do dia "Produzir mais com menos." Essa foi a frase do dia ontem no Congresso Mundial da Carne que se realiza em Buenos Aires e tem como tema a produção sustentável. De europeus a brasileiros, todos sinalizavam que a produção de alimentos deverá render mais com o uso da menor área possível daqui para a frente.

Discussão de sempre As discussões continuam aquecidas quando se trata de como fazer isso. Há os que dizem que produzir um quilo de carne consome 15 mil litros de água e os que acreditam que esse consumo não supera 150 litros. A distância entre os números é grande.

Como resolver Cledwyn Thomas, da Opic (organização internacional da carne), diz que isso deve ser decidido pela ciência. Fernando Sampaio, da Abiec (associação das indústrias de carne do Brasil), concorda, mas admite que, se não houver um consenso rápido, o ônus vai cair sobre toda a cadeia produtiva da carne.

Novo tom Abordando o tema da mudança climática, inclusive a provocada pela pecuária, Henning Steinfeld, da FAO, apontou os efeitos que o setor exerce sobre o clima. Sebastião Guedes, do Conselho Nacional da Pecuária de Corte, notou que é um erro dizer que a pecuária é a primeira a entrar e a desmatar, posto ocupado hoje pela madeira.

Soluções Produtores, indústrias e varejo afirmam que começam a surgir as soluções para uma efetiva sustentabilidade no setor da carne. As ações têm de ser conjuntas, acreditam.

Renda Thomas diz que é preciso avaliar os impactos da pecuária no ambiente, mas renda e sustentabilidade devem caminhar juntas. A pecuária é o primeiro passo para afastar a pobreza no campo, afirma ele.

Participação Para Steinfeld, a indústria não pode ficar de fora das soluções a serem dadas para uma pecuária com sustentabilidade.

Com **KARLA DOMINGUES**